

895

Como Orientar a Juventude

Major XAVIER LEAL

Em todos os países, em todos os tempos, desde que as nações se organizaram política e socialmente, a Juventude sempre constituiu o futuro, a esperança da nacionalidade. Para não volver muito longe nos tempos históricos, basta que cheguemos à época de Roma e Grécia, para ver na Educação Física, cívica e guerreira da sua mocidade, a base da manutenção do seu poderio, o pedestal em que assentavam as suas vitórias consecutivas sobre os demais povos, assim como o aprimoramento das qualidades sociais, do espírito de audácia e de iniciativa, enfim desse conjunto de fatores indispensáveis para a luta e para a imposição da superioridade; os jogos olímpicos e as disputas entre espartanos e atenienses, de todos nós conhecidos, através os estudos nos Ginásios, representavam, essencialmente, as manifestações de uma juventude forte e ucedida, cuja preparação espiritual e física, estava sempre orientada para as decisões políticas e militares e para a consecução das finalidades e dos objetivos traçados pelos chefes, pelos filósofos ou pelos guias. E assim, tempos afóra a mocidade, a Juventude em todas as nações, às vezes orientada, outras vezes por iniciativa própria, ao influxo das suas paixões ou tendências, sempre influuiu nos destinos das nacionalidades. Muitos dos acontecimentos políticos mundiais têm tido a sua contribuição. Entretanto, à proporção que caminhamos para os tempos atuais, temos visto a educação da Juventude, primeiro completamente fóra da órbita dos Estados e do Governo, e, segundo, absorvida, centralizada e orientada pelo Estado. Qual dos dois processos será melhor? Não resta dúvida que o último. Os moços que compõem a Juventude de hoje, devendo ser os homens de amanhã, aqueles que irão assumir os postos de responsabilidade e dirigir os destinos da nação, passando, intermediariamente, por outros postos ou desempenhando obrigações de natureza técnica, profissional ou militar, precisam, por isso mesmo, ser instruídos e orientados pelo Governo, inclusive sobre os problemas palpitantes da atualidade, as suas soluções já aceitas ou definidas, o seu desdobramento e as suas perspectivas futuras.

No Brasil, como em outros países, a Juventude estava, até há bem pouco tempo, entregue a si mesma, ou então orientada dispersivamente nos ginásios e associações. Não havia, pois, a uniformidade indispensável num problema tão relevante como êste. Chegamos com êsse descuido à formação de uma mentalidade quasi que exclusivamente contaminada das cousas de cinema, das palestras vãs de cafés ou de pontos de esquinas. Isto que deveria constituir derivativo, estava constituindo motivo principal do espreço de tempo da nossa mocidade. Perdia-se o tempo com os ditos chistosos, estúpidos e sem graça, com a falta de respeito às cousas e às pessoas. Nenhum interesse pela sorte da Pátria, da Família e da Humanidade. Não se ligava nenhuma importância às conquistas do espírito, da ciência e da cultura, salvo manifestações isoladas, sem grande força de expressão e sem repercussão apreciável, partidas, ou de grêmios estundatís ou da iniciativa particular. Enquanto isso, com a aparição dos regimens totalitários, e dentro de suas normas de absorção pelo Estado de todas as atividades individuais, sem distinção de classes, idades ou sexos, a Juventude passou a ser propriedade integral do Estado nos respectivos países. A educação das Juventudes totalitárias, se bem que de bons resultados em vários pontos — não se póde negar — tendeu, contudo, para a exclusiva formação de u'a mentalidade guerreira e agressiva, de acôrdo com a suprema orientação político-militar dos seus Governos. Isto trouxe, como grave defeito, o embotamento e a perda da personalidade, a formação de indivíduos autômatos, sem direito a raciocinar, apenas com a obrigação de cumprir ordens sem discutir. O esforço da educação orientado, assim, nos aspectos físico e técnico, prejudica o lado cultural e moral. Nem um extremo nem outro, devemos procurar, na educação de nossa Juventude, o meio termo útil, o justo de todas as cousas humanas.

— Que procurou o nosso Governô atingir com o Decreto que criou a Juventude Brasileira. Procurou, dentro da ordem de idéias que citamos, uniformizar a educação da nossa mocidade, criar nos nossos jovens u'a mentalidade sadia, esclarecida e construtiva, à altura de poder servir, futuramente, aos destinos da nacionalidade. Para isso objetivou que se lhe fossem proporcionados, ao que sabemos:

- 1.º) instrução cívica;
- 2.º) instrução pré-militar;
- 3.º) educação física.

Êstes três pontos, constituem, é verdade, os elementos essenciaes para a educação da Juventude. Ao nosso vêr, porém, na fase técnica

porque atravessa o mundo, a Juventude não poderá deixar de ter os conhecimentos técnicos e saber a sua aplicação aos problemas ligados à indústria de paz e de guerra e à consequente produção industrial e econômica.

Daí uma instrução técnica.

Se passarmos agora à execução do programa brasileiro da educação da Juventude, constatamos que, por vários fatores, não obstante o avanço conseguido nos últimos anos, que conhecemos pelas Paradas e demonstrações físicas da Juventude, particularmente nos grandes centros, como Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte, ela não tem passado, até certo ponto, de tentativas.

Podemos citar as seguintes razões:

1.º) — Dificuldade de coordenação e controle dada a grande extensão territorial brasileira.

2.º) — Falta de um programa oficial pormenorizado e de obrigatoriedade de auxílio por parte dos governos estaduais e municipais.

3.º) — Falta de estímulo por parte dos cidadãos em condições de prestá-lo.

4.º) — Falta de assistência permanente por parte das autoridades nos diversos graus.

5.º) — Falta de compreensão e de exação por parte do grande número de jovens.

Desta maneira a execução de educação da Juventude, tem estado até agora, em muitos aspectos, apesar da orientação governamental, sob a iniciativa particular.

Apontado estes pontos, que, acreditamos, serão corrigidos, ventilemos, de modo geral, qual deverá o plano de ação.

No setor da instrução cívica, além das palestras, conferências e reuniões nos centros da juventude, deverão ser aproveitadas todas as oportunidades — datas e festas nacionais, políticas e militares — para aprimorá-la.

A instrução pré-militar, constante de ordem unida sem arma e noções sobre a organização e armamento das unidades militares, poderá ser dada simultaneamente nos Centros, por instrutor militar designado e nos quartéis, por meio de visitas e demonstrações periódicas, semanais ou quinzenais.

A educação física deverá ter uma alta finalidade disciplinar e moral, além de higiênica. Sob uma imprescindível orientação pedagógica e científica, ela não deverá perder de vista a compreensão esportiva, o espírito de disciplina de atitudes, que deve reinar em todas as competições; as demonstrações fóra destas normas, perante o público, só servirão para desprestigiar a Juventude, tirando-lhes o auxílio, que por ventura ainda poderia vir.

A instrução técnica se fará mediante exposição sumária e palestras sôbre os problemas nacionais e do mundo, no domínio da técnica: — siderurgia, metalurgia, motorização, aeronáutica, etc. e, paralelamente, por meio de visitas às fábricas, parques e arsenais, do Govêrno e particulares, onde, sob a orientação e exposição dos técnicos, a Juventude irá se capacitando das necessidades e das realizações nacionais; formar uma idéia dos problemas do petroleo, do alcool motor, das matérias primas em geral, da produção sintética e dos sucedâneos.

A instrução da Juventude ainda poderá comportar acampamentos, concentrações, estadias em colônias de férias e recreios e torneios culturais e artísticos. São estes os traços gerais básicos para a educação da Juventude brasileira, cujo programa detalhado, naturalmente, será baixado pelas autoridades competentes.

Para a execução desse programa, seria conveniente a nomeação de Inspetores do Govêrno em cada cidade brasileira.

Tática de infantaria nos pequenos escalões

PUBLICAÇÃO DE TRABALHO — AUTORIZAÇÃO (Por esta Chefia)

I — Autorizo a publicação do livro "Tática de Infantaria nos pequenos escalões", de autoria do Tenente-Coronel Alexandre José Gomes da Silva Chaves.

O Estado-Maior do Exêrcito é de parecer que se trata de um trabalho meticoloso, de grande valor didático, indispensável aos cadetes e oficiais subalternos de infantaria, e de grande utilidade aos oficiais das demais armas que queiram conhecer perfeitamente as possibilidades e servidões de Infantaria.

II — Em seu prefácio, elaborado pelo Coronel RENATO BATISTA NUNES, se louvou também êste Estado-Maior para autorizar a publicação do trabalho do Tenente-Coronel ALEXANDRE CHAVES, ainda oportuna e como contribuição a uma justa homenagem ao autor, oficial de escol, sobejamente conhecido no Exêrcito e onde o seu prematuro desaparecimento deixou sensível lacuna.

Bol. int. do E.M.E. n. 242, de 17-XII-943 págs. 1776/77).

PREÇO: Cr\$ 16,00, COM O PORTE

À venda na "Cooperativa Militar Editora e de Cultura Intelectual (A Defesa Nacional)" e nas principais livrarias.

Retomemos o espirito ofensivo

1.º Ten. RUI ALENCAR NOGUEIRA

I — AUMENTO DA POTÊNCIA DE FOGO

Desde o princípio da guerra passada que o fogo passou a desempenhar papel preponderante no desenrolar dos combates. Assim, o Exército francês — padrão daquela época — dispunha, de início, unicamente de três secções de metralhadoras Saint-Étienne para cada Regimento de Infantaria. Outras armas não eram conhecidas além do fuzil e sua baioneta, instrumento de guerra que facultava ao movimento característicos verdadeiramente assombrosas, permitindo arrojados e desastrosos que conduziam à vitória.

Nos primeiros meses de guerra, os campos de batalha encheram-se de metralhadoras alemães, taticamente muito bem empregadas e, passou a ser reconhecido o valor incontestável da arma automática.

Nova fase surgiu: aumento das armas automáticas e consequente perfeição. E aquele insignificante número inicial passou a ser triplicado, quadruplicado e tão ascendente era a escala que não mais foi possível o emprego de tanta metralhadora. As unidades orgânicas tomaram outra feição. A arma automática atingira o seu apogeu, trazendo a necessidade da solução de um outro problema: era preciso pensar na combinação do fogo e do movimento e tornar a metralhadora manuseável. Foi a época do aparecimento do fuzil metralhador.

Mas não ficou aí o progresso armamentista e das ações e reações consequentes, outras armas foram aparecendo também: — o canhão 37 francês, o morteiro, a granada, além do aperfeiçoamento dos processos de tiro, permitindo um maior efeito e uma melhor utilização do armamento.

De tal maneira consolidou-se a necessidade do emprego do engenho de tiro curvo para o desenrolar das ações ofensivas que os exércitos modernos dão à companhia de fuzileiros o morteiro de 65 m/m — arma capaz de permitir ao Capitão de fuzileiros, decidir pequenos problemas sem recorrer ao seu comandante de Batalhão. E' que, para agir contra um inimigo abrigado não mais adianta a arma de tiro comum. Torna-se necessário destroçá-lo dentro dos abrigos, desmoralizá-lo, atordoá-lo, e deixá-lo sem poder agir com as suas armas automáticas ou melhor, em linguagem mais técnica, para neutralizar armas

Dai, decorre a importância de ser mantido o ardor da ofensiva — e do combate que obriga o chefe a decidir, a raciocinar e a exteriorizar as suas verdadeiras qualidades de condutor de homens; dai, surge a importância de ser dado à Infantaria um armamento que a deixe em condições de combater sózinha, em determinadas ocasiões; dai, nos em título II, do R.E.C.I.: “Por mais eficaz que seja o apoio dado à Infantaria pela artilharia e pela aviação ou pelos carros, jamais poderá suprimir completamente os obstáculos e as resistências opostas ao inimigo. Além disso, em certas zonas, as outras armas, particularmente a artilharia, não podem atirar ao mesmo tempo que a infantaria, e por considerações de segurança, quer por causa do terreno. Nessas zonas, compete à infantaria executar o combate com o seu próprio armamento, reduzir, por si só, as resistências que se opõem de maneira imediata à sua progressão”.

O aparecimento do engenho blindado e o grande desenvolvimento da aviação de combate criaram uma constante preocupação para o comandante: os meios de defesa, dado que o fator moral, no caso, é de suma importância. Vieram os engenhos anti-carros, as metralhadoras e as armas anti-aéreos, procurando o comandante solucionar o caso da defesa contra o avião, com a possibilidade de poderem as secções de metralhadoras realizar o tiro mediante adaptação simples e rápida.

No entanto, como estamos sabendo presentemente, tal processo de defesa ativa não produziu resultado, pois os projéteis são impotentes contra a perfuração das blindagens dos aviões; não há suficiente mobilidade de tiro capaz de corresponder às grandes velocidades dos aparelhos de combate. Além disto, o pouco rendimento apresentado não dá ao comandante a certeza moral da proteção, o que acarreta uma situação vexatória e assombrosa, os bombardeios aéreos.

Em consequência da fragilidade dos meios de defesa ativa, a proteção torna-se absoluta, podendo realizar ataques em todos os sentidos sem que se lhe possa opôr uma resistência sistematizada e eficazmente produtiva.

Com relação aos carros, quasi o mesmo fenómeno se passou. O engenho blindado causou tamanha surpresa na frente de Cambré, em 1918, que dizia um general alemão: “Quem nos venceu não foi o general Foch, mas sim o general Tank”. Desde logo, foram sentidas as fraquezas da Infantaria para fazer face ao homem couraçado, atirando livremente com as suas armas, deslocando-se em todas as direcções do campo de batalha, com a moral elevada e perfeitamente senhor da situação.

Por outro lado, para todas as acções ofensivas, sentia-se o infante limitado; aumentara a sua potência de fogo, dispunha de um elemento extremamente móvel que o poderia arrastar facilmente frente

aos seus objetivos, ultrapassando sem grande temor as organizações terreno, até à conquista do objetivo final.

O emprego do carro de combate estava intimamente ligado as Infantaria e assim, lemos no nosso R.E.C.I. o ensinamento, fruto exclusivo da guerra passada, sentiremos, de início, que a noção de emprego do mesmo era bem diferente da que se tem atualmente, principalmente com relação ao número ou melhor, a dosagem, o que constituiu a grande surpresa da guerra atual, causa de tão serios desastres. Leiamos: "A exposição feita sobre os processos de combate ofensivo da Infantaria só *accessoriamente* foi encarada a participação dos carros de combate. Os recursos disponíveis, a natureza o estado do terreno, as fórmulas condições do ataque não permitem com efeito, ao comando atribuir unidades de carros a todas as unidades de carros a todas as unidades atacantes; por outro lado, a designação de carros para apoiar certas unidades não modifica de maneira profunda os processos de combate destas últimas". "Os carros têm como missão normal o acompanhamento da Infantaria. A Infantaria deve ir onde os carros vão. É que tanto de honra para ela nunca deixar um aparelho nas mãos do inimigo. Se um carro fôr assaltado, ela não hesitará em atirar sobre o adversário, mesmo com suas armas automáticas".

Pelo exposto, a ligação tão íntima Infantaria — Engenho blindado denota a preocupação de uma associação de fogo que permita àquele dispôr de um órgão de fogo bastante móvel e relativamente poderoso para avançar destemerosamente, de moral elevada, mas sem perder a ligação com o último, o que significaria dizer que o carro passaria ser uma velha tartaruga enorme e pesada, a vomitar fogo, com um deslocamento de 4 a 5 quilômetros, em média, sem perder de vista a Infantaria, a quem até pedia socorro.

Era, podemos dizer, um escalão de fogo diferente e o seu comando estava às ordens da unidade de infantaria, empregada.

A guerra moderna, ampliou esta noção, mas não modificou a característica de emprego. O engenho blindado não é, como a primeira vista se pôde pensar, capaz de ser jogado em qualquer frente e obedecer a características técnicas e táticas.

Atualmente, os carros são empregados em quantidades variáveis desde um só, isolado, até unidades completas (Defesa Nacional, abril, 1941), têm uma velocidade média de 40 a 50 quilômetros a hora, grande raio de ação e podem agir independentemente a grandes distâncias. Estamos na fase da luta do carro contra o carro.

Estará, com isto, diminuindo o prestígio da Infantaria?

Absolutamente não! Falta ao engenho blindado a possibilidade de *conquistar, ocupar e defender* o terreno. Age ele, penetrando profundamente nas linhas inimigas, como uma verdadeira vanguarda, b

potente, capaz de proporcionar a Infantaria uma marcha de aproximação em condições mais favoráveis.

Em consequência, veio a criação da infantaria transportada, cuja finalidade é seguir de perto a vanguarda mecanizada e realizar aquilo que ela não pode fazer: "*conquistar, ocupar e conservar o terreno*", ou adquirir uma mobilidade maior, de modo a poder ser jogada onde se fizer necessário no decurso do combate. Atraz dela, vamos encontrar o infante a pé, coroando a conquista do objetivo e assegurando, pela colocação dos diferentes órgãos de fogo, a definitiva posse do terreno.

Empregam-se carros em largas frentes e, de preferência, em massa. Nunca se lhes poderemos atribuir missões em desfiladeiros ou em frentes demasiadamente estreitas.

Uma divisão de carros possui, além do veículo que serve de base à sua constituição outros veículos e mais tropas de infantaria, artilharia, sapadores, transmissões e também engenhos anti-carros, formando isto uma coluna de estrada em deslocamento de milhares de veículos, numa profundidade de cerca de 40 quilômetros, possuindo ainda, quanto aos carros, três tipos diferentes: carros leves (até 10 toneladas), carros médios (até 20 toneladas) e carros pesados, de maior tonelage. Além disto, como citámos, a divisão comporta autos caminhões qualquer terreno (tração dianteira e trazeira para transportes diversos, inclusive de tropas de infantaria, batalhões de motociclista, T.C. motorizados, oficinas transportáveis, etc.

Os carros não constituem inovação da presente guerra. Elas tiveram um largo emprêgo na guerra passada e os nossos próprios regulamentos deles fazem menção, no estudo das diversas fases do combate, ora consignando o emprêgo, ora apontando os meios de defesa contra eles.

No entanto, hodiernamente, a transmutação operada, a potencialidade adquirida a ponto de transformá-los em fortaleza metálica de fácil deslocamento, a despejar projéteis de calibres diferentes, a enfrentar obstáculos até então inexpugnáveis, a resistir ao choque das defesas, criaram a chamada "guerra relampago", de tão graves consequências.

Com tudo isto, não se entibiu o velho infante, antes ao contrário, procurou os meios de defesa mais apropriados e, dentre todos vamos citar um, que vem tomando vulto desde a guerra da Hespanha: o *ataque aos carros*. Embora isto pareça absurdo, pela audácia que encerra, embora apresentando resultados diminutos, serve, no entanto, para atestar que "apesar das máquinas e com as máquinas, o homem moral é a alma da infantaria".

O processo citado consiste no seguinte: "sendo notado que os pontos mais vulneráveis do carro para as armas dos infantes eram os

tanques de combustível e as seteiras de visada, a cerca de 150 metros à frente das posições colocavam-se três a quatro homens, bons atiradores e, particularmente, corajosos, que abriam fogo visando de preferência as seteiras de observação”.

O exército japonês, desenvolvendo os métodos de instrução na infantaria para defesa contra carros, criou o ataque direto aos blindados estabelecendo a 300 metros de distância, uma concentração de fogos de armas automáticas, contra as seteiras de observação. Com este processo não se vai querer destruir o carro, como os abssínios na guerra com os italianos, atacando engenhos blindados a arma branca, mas sim, procura-se impôr perdas à equipagem ou, no mínimo, deixá-las semi-confusas e perturbadas.

Ainda nas unidades de defesa contra carros do exército japonês, foram previstas companhias de fuzileiros-volteadores especialmente destinados a destruição dos carros, quer utilizando minas cuja colocação seria feita diretamente sob a lagarta, quer pela colocação de granadas explosivas e fumígenas sôbre os mesmos.

De todas estas missões de sacrifício é capaz o infante e ainda de muito mais se sempre fôr mantido, em efervescência, o espírito ofensivo porque “e sempre mais facil conter o ardor ofensivo e exigir uma atitude defensiva, do que pretender transformar hábitos de defensiva em capacidade agressiva e manobreira”.

III — O ESPÍRITO OFENSIVO DA AVIAÇÃO

O Ten. Cel. Nilo Guerreiro Lima, em recente artigo publicado na Defesa Nacional, fundamenta a vitória do exército alemão, no desenrolar da luta na europa, no triângulo: aeronáutica — arma blindada — infantaria.

O desenvolvimento da aviação veio trazer uma outra modalidade de infante do ar, mais audacioso e destemido, pronto para ser jogado nas retaguardas inimigas, na incerteza de auxílio em tempo oportuno arcando com as responsabilidades da sua extremada coragem.

De conformidade com os nossos regulamentos, a aviação desempenha as seguintes missões que interessam a infantaria: reconhecimento, vigilância em proveito do comando, acompanhamento e ofensiva.

O acompanhamento consiste em:

- a) guardar a ligação durante um tempo determinado, com as unidades de infantaria ou de cavalaria e assinalar ao comando os incidentes de combate e o ponto que atingem as unidades de 1.º escalão;
- b) observar os movimentos de 1.º escalão inimigo; detida a progressão da tropa amiga, determinar se se chocaram contra

uma fraca cortina de fogos, ou se ao contrário, contra uma posição solidamente mantida; reconhecer os centros de resistências, carros de combate e peças empregadas contra carros; descobrir indícios de contra ataques, etc.”.

Disto decorre a íntima ligação a ser mantida entre a aviação e a infantaria, ligação esta mantida e assegurada pelos diferentes processos T.S.F., artificios, painéis, mensagens lastradas, etc.

Pelo que vimos, a aviação tinha esfera de ação limitada, sempre narrada a infantaria ou a cavalaria, tendo diminuta ação ofensiva.

Na guerra moderna, a aviação, desde o momento inicial, tem a sua utilização preconizada de maneira muito mais ampla, estabelecendo o domínio do ar, destruindo as forças aéreas inimigas, as organizações terrestres, dando ao exército o “espaço protegido” e iniciando uma lenta ação, possibilitando logo, a abertura de brechas nas linhas, diversárias, pela “arma blindada”.

Ampliou-se a sua capacidade de ação pela diferenciação típica dos trabalhos utilizados: reconhecimento, caça, bombardeio e transporte. As unidades constituídas, recebendo missões distintas, perfeitamente interligadas, agindo em proveito quer da arma blindada, quer da infantaria, com um raio de ação imprevisível, tendo os movimentos perfeitamente controlados pelo T.S.F., constituem o grande pavôr da guerra moderna, quer pelo efeito moral, quer pelo dano causado de dia ou durante a noite pelos terríveis bombardeios de quem temos notícias.

O principal trabalho da aviação é feito em proveito da arma blindada, que, em terra, sorrateiramente, aproveita os efeitos dos bombardeios para penetrar pouco a pouco nas organizações inimigas, desalencadas e enfraquecidas e de moral abatido. A ligação entre ambas é constante e necessária, pois que, enquanto a primeira age a segunda fica em uma “posição de espera”; os reforços inimigos, os melhores, os perigosos, as colunas em marcha e todas as demais informações são transmitidas aos carros pelo observador aéreo.

Atualmente, os aviões de mergulho constituem “o melhor apoio às divisões de carros” e com tão grande desenvolvimento da arma aérea a infantaria passou a ter mais esta grande preocupação: — ataque vindo do espaço.

A aviação moderna só tem um lema: “Quem ataca tem meia defesa”. Se as forças terrestres atacam, ela ataca. Se as forças terrestres estão na defensiva ela ataca com maior ímpeto”.

Contudo, nenhum arrefecimento poderá haver para a sua conduta, que sómente ela é capaz de conquistar, ocupar e defender o terreno.

Para que possamos fazer face aos ataques partidos do espaço, além dos meios de defesa ativa, temos que pensar, com mais carinho ainda,

no aproveitamento do terreno — o velho amigo do infante. É ele que “judiciosamente aproveitado, na ofensiva como na defensiva, permite à infantaria aumentar a potência do seu fogo, em virtude da proteção que lhe permite dar às armas”.

Qualquer erro na apreciação do terreno ou na sua má utilização é pago bem caro, pois que é ele elemento essencial do combate.

Para que possamos tirar o máximo resultado, para obtermos uma perfeita eficiência, necessário se torna um conhecimento profundo do armamento a utilizar, das suas características de emprego, dos processos de tiro, razão porque a infantaria deixou de ser a arma simples dos “quadrados” para se tornar a arma completa, técnica, capaz de combater sozinha com os seus próprios recursos, em determinadas situações.

Absolutamente não diminuiu o valor da infantaria o grande desenvolvimento da aviação moderna. O infante do ar ou paraquedista, empregado com real vantagem, para alcançar objetivos importantes, cujos obstáculos naturais sejam intransponíveis por qualquer outra forma, cujos meios de defesa deixarem a prova o bombardeio da aviação ou o canhoneio da artilharia, atesta bem o quanto pode uma infantaria aguerrida e arrojada para *conquistar, ocupar e defender* o terreno que de outra maneira, jamais poderia ser conquistado.

IV — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, podemos concluir que a infantaria necessita, para atingir à sua verdadeira finalidade, de uma instrução intensiva e de uma preparação sistematizada dos seus quadros. Nada poderá ser feito, se não existirem comandantes de pequenas frações, cmts. de Pel., G.C. e esquadras, sobretudo, de G.C., aptos para o comando enérgicos, decididos, de moral elevada, de raciocínio rápido, inteligência viva e ação imediata.

O resultado do combate não é mais do que o conjunto harmônico das ações de todos os comandantes de escalão inferior, cada qual cumprindo judiciousa e fielmente a missão recebida.

O nosso G.C. é caracterizado como sendo a menor unidade de “tiro, de infiltração e de patrulha”, podendo ser comandado diretamente pelo seu próprio comandante, à voz ou por gesto, o qual também lhe serve de guia, no sempre lembrado: — “sigam-me” ou “façam como eu” — símbolos expressivos do exemplo a seguir.

Sem o concurso do sargento comandante de G.C. jamais pode o tenente conduzir o seu Pel. aonde a sua vontade impõe, em face da missão recebida.

Eis porque a formação dos sargentos e cabos, atualmente, mereça o cuidado especial. Não pensemos em ter infantaria manobreira se

dispormos de bons sargentos comandantes de G.C., capazes de impulsionarem com vigor a tropa que lhes seguem.

Esta preparação é tanto mais notória quanto consideremos que o fator moral e a preparação militar, na guerra moderna, andam de braços dados. Comandantes de pequenas frações sem formação moral jamais conseguirão manter no terreno, até o momento oportuno, a sua tropa ante a avalanche de engenhos mecanizados; comandantes de pequenas unidades sem "fibra" nunca chegarão ao combate corpo a corpo; comandante de pequenas frações sem espírito de sacrifício em tempo algum conseguirão fazer despencar os seus homens do bôjo dos aviões de transporte.

No Corpo de paraquedistas do Exército alemão quem primeiro salta é o tenente comandante de pelotão, seguido pelos sargentos, pelos cabos e, finalmente, pelos soldados, ao mesmo tempo em que, por outro lado, médicos e enfermeiros já estão se lançando no espaço, dando a todos a certeza de que o socorro será prestado.

Nestes momentos, em que se opera uma dispersão natural de todos os elementos, impõe-se de maneira notável, a iniciativa oportuna e bem orientada do graduado, para que o fracasso não sobrevenha quando tudo é expectativa e incerteza.

Aliás, o nosso R.I.Q.T. começa com esta simbólica declaração: "a instrução tem por objetivo principal a preparação para a guerra". Ela visa desenvolver ao máximo: — o valor moral, o valor físico, os conhecimentos técnicos e a aptidão manobreira". E isto nos indica uma orientação certa a seguir e perfeitamente atualizada.

Prossegue o citado regulamento com perfeição de detalhes, estabelecendo "grupamentos de instrução", de modo que, no corpo de tropa, haja preparação para a guerra por parte de todos e não somente do soldado e, para os sargentos, mesmo após a instrução de formação, as instruções de aperfeiçoamento e aplicação deverão ser mantidas, quer sob a orientação do próprio comandante, quer principalmente, na subunidade, onde o capitão ministrará pessoalmente (n.ºs. 50, 87, 93, 98, do R.I.Q.T.).

Ao meditarmos sobre a guerra — cousa, aliás, normal para nós que dela somos profissionais — devemos pensar na formação dos nossos graduados e cuidar com afincos, da formação moral, "base da disciplina, cuja essência é a submissão absoluta as ordens recebidas e a correção constante de atitudes tanto física como intelectual (R.I.Q.T.)" e desenvolver, sobretudo, o espírito ofensivo dos nossos homens, na certeza de que, sendo "mais facil conter o ardor ofensivo e exigir uma atitude defensiva, do que pretender transformar hábitos de defensiva em capacidade agressiva é manobreira", absolutamente nada perdera, com isto, a nossa infantaria e só poderemos alcançar para gloria do Brasil, a vitória das nossas armas.

O Relatório da Cia. Docas de Santos

Acaba de ser divulgado o relatório da Companhia Docas de Santos, à cuja frente se encontram os Srs. Guilherme Guinle, Oscar Weinschenk, Octavio Pedro dos Santos, Carlos Guinle e Raul Fernandes, nomes da maior projeção nos meios econômicos e financeiros do país. Apenas foi conhecido, o relatório causou a melhor impressão. Deve-se, em primeiro lugar, realçar a perfeita confecção dessa peça, acompanhada de balanços e demonstrações, relativos a todas as ocorrências do ano de 1943. Em segundo lugar, como consequência da clara exposição feita, se verifica a normalidade absoluta dos serviços da Companhia e a ótima situação em que se encontra, apesar dos efeitos da guerra. A conta de capital adicional subiu de Cr\$ 20.318.870,90 em 1942, para Cr\$ 20.962.524,50 em 1943. São citados os decretos que aprovaram os projetos e orçamentos de obras novas e aquisições, bem como estão transcritos os officios da Fiscalização referentes às demonstrações de custo de obras realizadas. A tomada de contas, relativa ao exercício de 1941, foi concluída em março de 1943, pela Comissão designada para esse fim, presidida pelo engenheiro chefe da Fiscalização do Porto de Santos, havendo a mesma Comissão declarado haver tudo encontrado em perfeita ordem e exatidão, tendo a conta do capital subido de Cr\$ 232.021.556,291, em 1940, para Cr\$ 232.021.556,291, em 1941 e tendo sido de 10,173 % a renda líquida sobre o capital, dentro, portanto, do limite legal de 12 %.

Instalação no Rio, da Delegacia da Associação Comercial do Amazonas

Expressivo discurso do Sr. João Daudt de Oliveira

Foi instalada, a 28 de abril próximo findo, neste capital, a Delegacia da Associação Comercial do Amazonas. O ato revestiu-se de solenidade, tendo comparecido ao Palácio do Comércio as figuras de mais destaque nos círculos econômicos, financeiros e sociais da cidade.

Discursando nessa ocasião, o sr. João Daudt de Oliveira, presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, pronunciou magnífico e impressionante discurso, do qual destacamos o seguinte trecho :

“Há, entre nós como em todas as atividades — no Brasil como em outros países — os que se desviam das noções de patriotismo, aproveitando-se da oportunidade em que só deveria existir a preocupação do bem comum, para auferirem vantagens excepcionais em seus negócios.

Podemos assegurar, entretanto, que felizmente êsses constituem entre nós uma minoria insignificante.

O homem do comércio não é mais hoje entre nós um elemento à margem da sociedade, encarado com preconceitos e prevenções. A realidade do fato econômico dirigindo o mundo desfez em torno das atividades mercantis o imenso complexo que lhe havia tecido — nossa mentalidade colonial.

Fiel às lições do passado, o homem de negócios tem sempre vivo seu espírito público, sua devoção aos interesses coletivos. Disso é prova eloquente o movimento de coesão que ora se faz em torno da Associação Comercial do Rio de Janeiro, para que possa realizar seu grande programa de servir à coletividade formando técnicos e criando institutos de utilidade pública.”